

Manuel Ivo Cruz

O essencial sobre
A ÓPERA EM PORTUGAL

IMPRESA NACIONAL-CASA DA MOEDA

AS PRIMEIRAS ÓPERAS

Foi no Carnaval de 1598, em Florença, que surgiu o que se deverá considerar a primeira ópera no moderno conceito do termo: *La Dafné*, texto poético de Ottavio Rinuccini e música de Jacopo Peri; dois anos depois seguiu-se-lhe *Euridice*, dos mesmos autores; criara-se uma nova forma dramático-musical, que em poucos anos se popularizou, dando origem às mais extraordinárias paixões.

EM PORTUGAL, A ÓPERA AFIRMA-SE NA PRIMEIRA METADE DO SÉCULO XVIII

D. João V iniciou um processo deliberadamente orientado para a renovação da vida musical portuguesa: em 1713 criou a Escola de Música do Seminário da Patriarcal, que seria o nosso mais importante estabelecimento de ensino musical durante todo o século XVIII e início do século XIX, até ao liberalismo.

Igualmente com fundos da Patriarcal, enviou para Roma um certo número de jovens bolseiros, para aí ampliarem os seus conhecimentos.

Entre eles, António Teixeira e Francisco António de Almeida, após o regresso a Lisboa, destacaram-se como compositores de ópera: António Teixeira nas óperas populares em língua portuguesa, representadas no Teatro do Bairro Alto, associado nas suas produções ao dramaturgo António José da Silva, «o Judeu» — bom exemplo do trabalho conjunto destes autores é a ópera *Guerras do Alecrim e Manjerona*, de 1737.

Francisco António de Almeida praticou a ópera palaciana com libreto italiano, género no qual *La Spinalba* é o fruto mais conhecido — na verdade, uma verdadeira obra-prima, estreada em 1739, no Paço da Ribeira.

O Dr. João de Freitas Branco estabelecia uma significativa diferença entre as formas de teatro musicado que os dois compositores praticavam: considerava que as representações do Bairro Alto eram *peças com música*, enquanto as obras de Francisco António de Almeida eram propriamente

óperas, em que tudo acontecia *por música*: os recitativos, as árias, os conjuntos.

Curioso é que estes dois géneros de espectáculo músico-teatral — o popular e o palaciano — se prolongaram no tempo até aos dias de hoje; com as necessárias alterações decorrentes do constante evoluir, reconhece-se na forma e no criticismo das «revistas», tão apreciadas nos teatros do Parque Mayer, o claro descendente das óperas populares setecentistas em língua portuguesa; ao passo que o género palaciano se continua nas óperas que se cantam no Teatro de São Carlos, nos idiomas originais dos seus libretos.

Mas o que se poderá também dizer é que ambos os géneros permanecem tremendamente populares.

PREOCUPAÇÕES MUSICAIS DE D. JOÃO V

Foi portanto no reinado do esclarecido monarca que o gosto pela ópera se expandiu prodigiosamente, conquistando o público português de todas as camadas sociais. Talvez o rei não se interessasse

ÍNDICE

As primeiras óperas	3
Em Portugal, a ópera afirma-se na primeira metade do século XVIII	3
Preocupações musicais de D. João V	5
Francisco António de Almeida	7
A primeira ópera	10
<i>La Spinalba</i>	12
António Teixeira e António José da Silva, «o Judeu»	14
As óperas do «Judeu»	15
O dramaturgo	16
As partituras	17
As estreias modernas	18
Reinado de D. José	20
Novos bolseiros em Itália	22

A Ópera do Tejo	23
João de Sousa Carvalho	24
D. Maria I	28
O Real Teatro de São Carlos — Os «mecenas»	30
O arquitecto	31
Características do São Carlos	32
O primeiro maestro-director	34
No Porto: o Teatro do Corpo da Guarda	37
O Real Teatro de S. João	39
O programa da inauguração	40
Expansão cultural no mundo lusófono — Casas da Ópera	42
<i>Modinha</i>	44
O século XIX — Primeiros anos — Marcos Por- tugal	47
Continuando o século XIX	50
A primeira «ópera» vicentina?	54
O século XX e o tempo presente — As óperas de autor português	55
O Teatro da Trindade, em Lisboa	59
Teatros no Porto	60
Iniciativas privadas	61
A opereta	64
Momentos altos na história do profissionalismo lírico em Portugal	67
A estabilização do São Carlos	71

Direcção de João Paes — A Companhia Resi- dente do São Carlos	73
Presidência de Serra Formigal	76
Estreias tardias	78
Algumas escolas de música — Reportório lírico realizado — Artave	79
Conservatório Superior de Gaia	80